

A constituição contínua da Linguística como ciência: contribuições da fase pré-saussuriana

CAROLINA DA CUNHA REEDIJK

Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia.
Professora do Centro Universitário de Patos de Minas. e-mail: carolreedijk@gmail.com



1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A concepção de Linguística que trazemos como referência primeira em nosso imaginário é a apresentada por Saussure¹. Ferdinand de Saussure (1857-1913) é considerado o pai da Linguística moderna e aquele que problematizou os estudos da linguagem como um todo para delimitar o objeto teórico dos estudos linguísticos. Dada a importância dos postulados do genebrino, a contemporaneidade apresenta a história da Linguística por meio de uma divisão em três fases: a pré-saussuriana, a saussuriana e a pós-saussuriana. Em relação a essas fases, podemos materializar, de uma maneira geral, que à primeira estão vinculados os estudos gregos baseados na lógica, os estudos filológicos que visavam interpretar e comentar os textos da época, principalmente os literários, e os estudos histórico-comparatistas que lançavam comparações entre línguas com o intuito de apresentar a sua origem e de mostrar como as línguas evoluem; à segunda fase, como o próprio nome indica, relacionam-se os postulados e os conceitos saussurianos; e à terceira, todos os estudos linguísticos que, de uma maneira ou de outra, partem das considerações saussurianas para apresentar deslocamentos e/ou problematizações.

Face às fases mencionadas, essencial lançarmos algumas considerações acerca dos efeitos de sentido que podem surgir diante dessa divisão do conhecimento. A separação da história da Linguística em fases pode ser interpretada

¹ A notoriedade de Ferdinand de Saussure veio com a publicação da obra póstuma *Cours de linguistique générale* (1916). O *Curso de Linguística Geral* é composto por textos dos cursos ministrados por Saussure durante seus últimos anos de vida na Universidade de Genebra. Os textos em foco foram recolhidos e organizados por seus discípulos suíços Charles Bally (1865-1947) e Albert Sécheyne (1870-1946).

como sendo uma divisão didática que tem como principal objetivo facilitar a compreensão da trajetória dos estudos linguísticos: o que gera um efeito de sentido que indica que o conhecimento não está dividido em blocos estanques e incommunicáveis entre si e que a concepção de evolução está atrelada a transformações e deslocamentos. Em contrapartida, essa mesma separação pode ser interpretada como sendo a representação evolutiva da trajetória histórica da Linguística: o que gera um efeito de sentido que aponta para a noção de evolução como progresso.

Diante do exposto, o presente texto visa trazer à tona a importância do pensamento de alguns estudiosos que viveram na fase nomeada como pré-saussuriana, com o intuito de evidenciar a necessidade de interpretarmos a trajetória do conhecimento como transformação e deslocamento, e não como progresso. Sendo assim, buscamos, partindo de um recorte, apresentar a necessidade de conhecermos um pouco sobre a história da Linguística para percebermos como os trabalhos desenvolvidos por pensadores pré-saussurianos contribuíram e continuam contribuindo para a constituição da Linguística como ciência e para a elucidação de que todo e qualquer conhecimento é simultaneamente um retorno ao já-dito e à produção de um jamais dito².

A fase pré-saussuriana, como vimos, é a fase que abarca os estudos gregos baseados na lógica, os estudos filológicos voltados para a interpretação e comentários dos textos da época e os estudos histórico-comparatistas voltados para comparações entre línguas com o intuito de apresentar tanto sua origem quanto sua evolução. Novamente, estamos diante das divisões. Se considerarmos a separação que nos é apresentada nos livros sobre a evolução dos estudos linguísticos, podemos dizer que o presente texto se limita à última fase: a histórico-comparatista. No entanto, por meio das passagens que apresentaremos e das considerações que lançaremos, chegaremos à conclusão da impossibilidade de enquadrarmos, de maneira estanque, os postulados na fase histórico-comparatista, uma vez que eles indicam o constante retorno a outras fases e o processo contínuo da constituição da Linguística como campo científico.

2. PENSADORES DA FASE PRÉ-SAUSSURIANA

Dentro do universo conhecido como fase pré-saussuriana, limitar-nos-emos à apresentação do pensamento de alguns intelectuais que viveram no século XIX: Wilhelm von Humboldt (1767-1835), August Schleicher (1821-1868), Michel Bréal (1832-1915), William Dwight Whitney (1827-1894) e Hugo Schuchardt (1842-1927).

² Essencial destacar que as colocações que apresentamos partem de um gesto de leitura realizado a partir de uma ótica específica. Sendo assim, é necessário evidenciar que apresentamos uma maneira de interpretar o pensamento de alguns pensadores, uma vez que outras interpretações são viáveis, possíveis e plausíveis.

2.1. WILHELM VON HUMBOLDT

Wilhelm von Humboldt (1767-1835) é considerado, por muitos, o iniciador da linguística moderna, uma vez que trouxe à baila a noção de que toda língua tem sua própria estrutura, típica e distintiva, que, por um lado, reflete e, por outro, condiciona o modo de pensar e o de se expressar das pessoas que a usam. O filósofo alemão fez importantes contribuições à filosofia da linguagem, à teoria e prática pedagógicas e influenciou o desenvolvimento da filologia comparativa. Em meio aos estudos históricos frequentes em seu contexto, Humboldt se dedica à filosofia da linguagem. Em *Natureza e constituição da linguagem em geral*, parte da obra *Linguagem, Literatura, Bildung*, entramos em contato com considerações que interessam diretamente tanto à Filosofia quanto à Linguística. Humboldt traça considerações acerca da linguagem, objeto da Linguística, com o intuito de abordar a língua³. A concepção de linguagem apresentada por Humboldt é ampla e complexa, uma vez que considera “o processo da linguagem na sua mais ampla extensão, não meramente na relação desta com a fala e com o estoque de seus elementos de palavras, como sua criação imediata, mas também na sua relação com a capacidade de pensar e sentir” (Humboldt, 2006, p. 123).

Para refletir sobre a linguagem em geral e para analisar as línguas individualmente, Humboldt parte de dois princípios: a forma sonora e o uso que dela se faz para a denominação dos objetos e para a ligação entre os pensamentos. Há entre os dois princípios uma relação indissociável que gera “a forma individual de qualquer língua constituindo os pontos que a análise das línguas deve procurar pesquisar e apresentar no seu contexto” (Humboldt, 2006, p. 123).

Importante mencionar que, para o pensador em pauta, a linguagem é o órgão formador do pensamento e do espírito que possibilita o desenvolvimento da humanidade e de toda a sua cultura. A linguagem é inteiramente humana nos seus primórdios e não há, na concepção de Humboldt, um estado natural de linguagem. Por meio da linguagem, que é concebida como uma capacidade inata do ser humano, a língua, que é a presença do som e a representação de um pensamento, se desenvolve. A língua, em Humboldt (2006, p.139), é uma atividade social e “não pode ser vista como uma substância espalhada, na sua totalidade perceptível ou aos poucos comunicável”. A língua é “algo que se cria a si mesmo eternamente, onde as leis da produção são definidas, porém, a abrangência e de certo modo também o tipo de produto permanecem por completo indeterminados” (Humboldt, 2006, p. 139).

Partindo do exposto, percebemos a riqueza do pensamento de Humboldt e a impossibilidade de enquadrá-lo na fase pré-saussuriana comparatista. Hum-

³ Vale destacar que Humboldt só escreveu sobre a língua porque ele nunca pensou em separar língua e linguagem, até porque em alemão, língua materna na qual escreveu, não há palavras para distinguir.

Humboldt retoma a discussão clássica em torno da relação linguagem/pensamento/representação e evidencia que a língua é uma atividade humana e social. A concepção de língua como convenção perpassa as considerações de Humboldt: o que indica o quanto o seu pensamento é pertinente e atual. A partir da concepção de língua como atividade humana e social, muitos estudos linguísticos foram e continuam sendo feitos. A natureza humana e social da língua é pano de fundo para uma infinidade de trabalhos em Linguística. A natureza em pauta aponta para a presença do homem na relação língua/sociedade, o que na atualidade tem sido muito analisado e discutido. O pensamento de Humboldt traz de certa forma a subjetividade e a singularidade: também conceitos muito importantes para a Linguística do século XX e XXI.

Outro ponto importante a ser destacado é a noção de língua como estrutura. Saussure e vários outros linguistas como Bloomfield, Meillet e Benveniste lançaram considerações acerca da estrutura das línguas e chegaram à regularidade. A regularidade já é percebida no pensamento de Humboldt, assim como a noção de mudança, pois a língua é “algo que se cria a si mesmo eternamente, onde as leis da produção são definidas, porém, a abrangência e de certo modo também o tipo de produto permanecem por completo indeterminados” (Humboldt, 2006, p. 139).

2.2. AUGUST SCHLEICHER

August Schleicher (1821-1868) foi um pensador alemão que ficou conhecido pelo desenvolvimento da classificação de línguas por meio das árvores genealógicas. O pensamento de Schleicher, no que se refere ao estudo das línguas, está atrelado à visão evolucionista da linguagem, ou seja, à visão que concebe a língua como um organismo vivo que nasce, cresce e morre. As analogias entre evolução biológica e mudança linguística estão presentes no pensamento de Schleicher: o que indica seu próximo contato com as ciências naturais e a influência de Darwin em sua teoria linguística. As línguas, conforme Schleicher (1983, p.20-21),

são organismos da natureza; elas nunca foram dirigidas pela vontade do homem; elas crescem e se desenvolvem de acordo com leis definitivas; elas crescem, envelhecem, e morrem. Elas também estão sujeitas àquela série de fenômenos que classificamos sob o nome de “vida”. A ciência da linguagem é conseqüentemente uma ciência natural. O seu método é, no geral, completamente o mesmo que qualquer outra ciência natural.

Por meio dessa passagem, percebemos com clareza que a concepção de língua presente nas ideias de Schleicher é natural: o que o coloca em oposição a

linguistas que concebiam a língua como social. A visão naturalista de Schleicher não considera, em momento algum, a presença do homem nas mudanças linguísticas. Para o alemão, as mudanças acontecem naturalmente no processo evolutivo. Schleicher, pautando-se na classificação das línguas em isolantes, aglutinantes e flexionais, desenvolvida por August Wilhelm Schlegel (1821-1868), postula que a vida de uma língua passa primeiramente pelo estágio pré-histórico – estágio em que a língua se desenvolve passando da fase isolante e atingindo o seu ponto máximo flexional, para, em seguida, chegar ao estágio histórico – estágio que apresenta o declínio da língua e sua morte. A visão de evolução como progresso está posta na teoria proposta por Schleicher: o que gerou muita discussão e questionamentos.

Levando em consideração o arrolado, percebemos a importância de Schleicher para os estudos linguísticos no que se refere às familiaridades entre línguas. No entanto, temos que materializar que suas ideias foram muito contestadas, principalmente pelo fato de ter expurgado o sujeito da língua quando a define como um fenômeno que ocorre independentemente do falante. Não podemos dizer, porém, que nada do que Schleicher tenha desenvolvido repercutiu na Linguística dos séculos XX e XXI. A noção de linguagem como natural é defendida por Chomsky e seus seguidores e ainda gera grandes discussões: o que, mais uma vez, aponta para a necessidade de visualizar as mais diferentes concepções acerca dos estudos linguísticos como coexistentes.

2.3. MICHEL BRÉAL

Michel Bréal (1832-1915), conhecido como o fundador da Semântica, é um filólogo francês que questiona, assim como Whitney, a naturalização da Linguística. Para Bréal, a Linguística é uma ciência histórica e não natural, uma vez que seu objeto, a linguagem, é uma atividade humana. O interesse de Bréal é o de apresentar a linguagem como instrumento de civilização que representa um acúmulo de trabalho intelectual, tendo moradia em nossa inteligência, e por isso, limitar o estudo da linguagem às mudanças de vogais e consoantes é reduzi-lo às dimensões de um ramo secundário da fisiologia.

Em Bréal, a linguagem é feita pelo consentimento de muitas inteligências, do acordo de muitas vontades, “umas presentes e atuantes, outras desfeitas e desaparecidas” (Bréal, 1992, p. 10). A vontade humana é a causa única e verdadeira do desenvolvimento da linguagem. Essa vontade atuante nas mudanças da linguagem não é consciente nem algum fenômeno instintivo. Ela é obscura e perseverante. Ao apresentar a vontade como sendo a causa maior para a mudança linguística, Bréal traz à tona o elemento subjetivo, ou seja, o elemento que evidencia que há na linguagem uma relação do homem com o mundo. A subjetividade é considerada parte essencial da linguagem, e “a história está relacionada a uma relação do sujeito com a linguagem, e há a marca da subjetividade daquele que fala naquilo que fala” (Bréal, 1992, p. 14).

Em Bréal, a subjetividade é uma relação homem/mundo e é constituinte da linguagem. Bréal, diferentemente de Saussure, não atrela a subjetividade somente à fala. A subjetividade está relacionada aos sentidos, ou seja, à maneira de significar as palavras e as coisas do mundo. Os sentidos, que são convencionalmente atribuídos às formas, são construtos subjetivos: o que não indica que cada sujeito tenha a total liberdade de significar as coisas do mundo da maneira que lhe convier. A linguagem é social e, assim sendo, impõe limites no processo de significação das coisas do mundo. No entanto, há sempre diferentes maneiras de se estabelecer uma relação da linguagem com o mundo, uma vez que há o elemento subjetivo. Ainda em relação à mudança linguística, interessante mencionar que Bréal postula que qualquer pequena mudança linguística é um pequeno acontecimento da história. Porém, há limitação da liberdade de cada falante devido à necessidade de compreensão. Por meio das considerações de Bréal acerca da mudança linguística, percebemos que a compreensão é a finalidade principal do falante ao usar a linguagem, o que aponta para o sentido.

Partindo das considerações apresentadas, visualizamos o quanto o pensamento de Bréal é importante para a compreensão da linguagem e o quanto a presença da subjetividade em seus postulados o torna um pensador atual. A subjetividade é hoje interesse de muitos estudos linguísticos.

2.4. WILLIAN DWIGHT WHITNEY

W.D. Whitney (1827-1894) foi um filólogo americano considerado o precursor do questionamento da noção de língua como natural. A língua, em Whitney, não é um organismo vivo que se desenvolve por si mesmo: o que indica que a língua não é natural, e sim convencional. Há, no pensamento de Whitney, o apontamento para a importância de se considerar a exterioridade da língua (o social e o falante) e a necessidade de destacar a sempre presença da relação com a linguagem. As considerações apresentadas e defendidas pelo americano contribuíram diretamente para o desenvolvimento dos postulados de Saussure. As considerações de Whitney em relação ao conceito de linguagem podem ser percebidas no pensamento do genebrino. Para Whitney, a linguagem, como objeto dos estudos linguísticos, é definida como “o corpo dos signos perceptíveis pelo ouvido, pelos quais exprimimos habitualmente o pensamento na sociedade humana e aos quais se ligam de uma maneira secundária os gestos e a escrita” (Whitney, 2010, p. 18).

Os estudos linguísticos, na visão de Whitney, têm como “objetivo compreender a linguagem, primeiramente em seu conjunto, como meio de expressão do pensamento humano; depois, em suas variedades, tanto em relação aos elementos constituintes como em relação à sintaxe” (Whitney, 2010, p. 20). Em Whitney, devem ser buscadas a causa dessas variedades, as relações entre linguagem e pensamento, a origem dessas relações, assim como as razões de ser da linguagem no passado e no presente.

Importante destacar que Whitney vincula os estudos linguísticos ao estudo da fala. A linguagem é o signo da ideia, o signo que acompanha a ideia. O pensamento de Whitney, ao buscar responder como um signo é posto em uso, qual a história de sua produção e aplicação e qual a origem primeira e a razão dessa origem, traz a arbitrariedade do signo afirmando que toda palavra transmitida é um signo arbitrário e convencional. Para Whitney, a palavra existe “por atribuição” e não “por natureza”. A arbitrariedade do signo é constitutiva da elaboração teórica de Saussure.

Outro ponto interessante presente no pensamento de Whitney é o de que as línguas têm suas fórmulas e seus moldes. O pensador postula que

cada língua tem, portanto, seu quadro particular de distinções estabelecidas, suas fórmulas e seus moldes nos quais se fundam as ideias do homem e que consistem sua língua materna. Todas as suas impressões, todo conhecimento que ele adquire pela sensação ou por outro meio se deparam com esses moldes (Whitney, 2010, p. 34).

A ideia de que há fórmulas e moldes na língua nos remete à noção de estrutura, noção presente no pensamento de Humboldt, assim como em vários estudos linguísticos do século XX e também do XXI.

Ainda em relação às considerações de Whitney frente à língua, essencial trazer à tona uma temática muito recorrente nos estudos linguísticos contemporâneos: a não transparência da linguagem. Em Whitney (2010, p. 39), “as incoerências da língua são infinitas; e enquanto a experiência não vem explicá-las, há espaço para muitos equívocos”. Por meio da leitura dos postulados do filólogo americano, percebemos que é impossível dar às palavras definições muito precisas, a fim de evitar todo mal-entendido, todo falso raciocínio, sobretudo nas matérias subjetivas em que é difícil conduzir os conceitos a verificações exatas.

Para finalizar, importante mencionar que Whitney, partindo de suas considerações acerca da linguagem e da língua, lança ideias referentes à aprendizagem tanto da língua materna quanto de outras línguas. Para Whitney, a língua não é inerente à raça, não é herdada dos antepassados e não se produz espontaneamente no indivíduo. Aprendemos a língua por meio do ensinamento, por meio do contato e da relação. A influência da primeira língua é sempre sentida pela mente ao aprender uma segunda. Segundo Whitney (2010, p. 36),

Quando aprendemos uma nova língua, não fazemos senão traduzir suas palavras para a nossa; as particularidades de sua forma interna, a falta de relações e de proporções entre seus moldes e agrupamentos de ideias e os nossos nos escapam inteiramente.

Partindo do apresentado, visualizamos a importância do pensamento de Whitney para os estudos linguísticos contemporâneos e, mais uma vez, percebemos que a construção do conhecimento é um ir e vir contínuo.

2.5. HUGO SCHUCHARDT

Hugo Schuchardt (1842-1927) foi um pensador alemão que, em contrapartida ao modelo de classificação de línguas conhecido como árvore genealógica, contribuiu para o desenvolvimento da teoria das ondas proposto por Johannes Schmidt (1843-1901). Schuchardt considera a linguagem do ponto de vista social (a língua contextualizada em seu uso) e não do interno (mais cognitivo) e, por isso, critica métodos excessivamente internos que não consideram influências externas e a aplicação de leis genéricas e sem exceções. Para Schuchardt, as mudanças linguísticas não são um processo natural, uma vez que ocorrem por questões políticas, religiosas, sociais etc. Por levar em consideração o político, o social e o religioso na análise das mudanças linguísticas e por abordar pontos que estavam relacionados à diversidade da fala, Schuchardt é considerado um precursor dos estudos da Sociolinguística.

O estudioso em pauta, de uma maneira muito direta, problematiza os princípios propostos pelos neogramáticos com o intuito de apresentar suas incoerências e, a partir daí, lançar suas considerações e apresentar seus postulados. Para Schuchardt, a tentativa dos neogramáticos de sistematizar os processos das mudanças das línguas levou a uma busca incessante pela regularidade absoluta, ou seja, pela procura de leis sem exceções que explicassem toda e qualquer mudança linguística. Para Schuchardt, a regularidade das leis fonéticas é um dogma, uma vez que toda mudança fonética, em algum ponto, é irregular. Segundo Schuchardt, as mudanças ocorrem pela interseção de leis fisiológicas com leis fonéticas e da mistura de dialetos e do efeito de associações conceituais. O funcionamento por associação conceitual é próprio do funcionamento da língua, e não pode ser abstraído como exceção, como consideravam os neogramáticos. Nesse sentido, analogia não pode ser considerada anomalia.

A relatividade espacial e temporal das leis foi criticada pelo pensador alemão, pois as condições históricas não podem ser suspensas ou abstraídas, uma vez que é próprio das línguas serem históricas. Sendo assim, Schuchardt materializa que uma teoria sobre a linguagem que pretenda abstrair os fatores tempo e espaço não serve como teoria de linguagem. Os postulados da igualdade de condições fonéticas e dos estágios de transição são considerados inaceitáveis por Schuchardt, pois, ainda que fosse aceitável a abstração da historicidade, o postulado da regularidade não se sustenta dentro de suas próprias premissas, uma vez que não consegue explicar como as mudanças se propagam internamente.

De uma maneira geral, podemos materializar que Schuchardt, ao desconstruir os princípios dos neogramáticos, que na época foram muito bem aceitos, propõe que a única regularidade está na irregularidade das mudanças. Interes-

sante mencionar o quanto o pensamento de Schuchardt questionou a ideia de rigor científico que circulava em seu contexto. Para Schuchardt, as leis fonéticas propostas pelos neogramáticos não possibilitam maior rigor científico, pois esse rigor reside na observação severa da lei da causalidade, que, por sua vez, evidencia a irregularidade e a impossibilidade de tudo controlar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face às considerações, percebemos que a tentativa de explicações absolutas para os fatos linguísticos ainda circula nos trabalhos de correntes linguísticas atuais, assim como a busca por apresentar estudos que mostrem um rigor científico sinônimo de regularidade e controle absoluto dos fenômenos relacionados à linguagem e à língua.

Diante do materializado, acreditamos que conseguimos atingir o objetivo de nosso trabalho: apresentar a necessidade de conhecermos um pouco sobre a história da Linguística para percebermos como os trabalhos desenvolvidos por pensadores pré-saussurianos contribuíram e continuam contribuindo para a constituição da Linguística como ciência e para a elucidação de que todo e qualquer conhecimento é sempre um retorno ao já-dito e uma construção do jamais dito. Sendo assim, reforçamos que a separação da história da Linguística em fases deve ser interpretada como sendo uma divisão didática que tem como principal objetivo facilitar a compreensão da trajetória dos estudos linguísticos e não como uma representação evolutiva da trajetória histórica da Linguística. A trajetória do conhecimento não deve ser interpretada como estando dividida em blocos estanques e incomunicáveis entre si, e a concepção de evolução deve estar atrelada a transformações e deslocamentos, uma vez que não há progresso linear e contínuo na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- Bréal, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Trad. Aída Ferrás *et al.* São Paulo: EDUC, 1992.
- Humboldt, Wilhelm von. *Linguagem, Literatura, Bildung*. Organização de Werner Heiderman e Markus J. Weininger. Florianópolis: UFSC, 2006.
- Mendonça, Marcos Felipe da Silva. Teoria da árvore genealógica e teoria das ondas. *Cadernos do CNLF*, vol. XVIII, nº 4 – Diacronia e História. Rio de Janeiro, 2014.
- Pickering, William A. A influência de Darwin na teoria linguística como um prelúdio às abordagens “evolucionárias” no século 21. *Linguagem: teoria, análise e aplicações*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011.

Schuchardt, Hugo. *Schuchardt contra os neogramáticos*. Organização, introdução, tradução e notas de Maria Clara Paixão de Souza. Campinas: Editora RG, 2010.

Whitney, W.D. *A vida da linguagem*. Trad. Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.

ARTIGO RECEBIDO EM 31/05/2018; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 18/06/2018

RESUMO: O presente trabalho visa trazer à tona a importância do pensamento de alguns intelectuais da fase apresentada como pré-saussuriana com o intuito de evidenciar a necessidade de interpretarmos a trajetória do conhecimento como transformação e deslocamento, e não como progresso. Sendo assim, buscamos, partindo de um recorte, apresentar a necessidade de conhecermos um pouco sobre a história da Linguística para percebermos como os trabalhos desenvolvidos por pensadores pré-saussurianos contribuíram e continuam contribuindo para a constituição da Linguística como ciência e para a elucidação de que todo e qualquer conhecimento é simultaneamente um retorno ao já-dito e a produção de um jamais dito.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Fase pré-saussuriana. Ciência.

ABSTRACT: The present article aims to bring to light the importance of the thought of some intellectuals of the phase presented as pre-saussurian, in order to highlight the need to interpret the trajectory of knowledge as transformation and displacement, not as progress. Thus, we seek to present the need to know a little about the history of Linguistics to understand how the works developed by pre-saussurian thinkers contributed and continue contributing to the constitution of Linguistics as a science and to the elucidation that any and all knowledge is both a return to the already-said and the production of the never said.

KEYWORDS: Linguistics. Pre-saussurian phase. Science.